

## **OFICINAS DE SAÚDE MENTAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA**

Ricardo Luís Alves de Oliveira Ribeiro <sup>1</sup>  
Dartagnan Ferreira de Macêdo <sup>2</sup>  
Diego da Guia dos Santos <sup>3</sup>

### **RESUMO**

O projeto denominado “Mentes Fortes, Vozes Unidas” teve como objetivo conscientizar sobre os impactos do racismo na saúde mental dos estudantes. Para isso, foram realizados encontros semanais em uma Escola Municipal localizada no estado de Alagoas. Tais momentos ocorriam uma vez por semana, com duração de 2 horas e 30 minutos de oficinas extensionistas. O projeto foi desenvolvido em um período de 5 meses, compreendendo fases de planejamento, divulgação, execução das atividades e entrega de certificados. As oficinas foram planejadas para oferecer uma visão abrangente sobre o tema, abordando desde o racismo no Brasil até seu impacto na saúde mental dos estudantes. Foram disponibilizadas 20 vagas e 11 dos participantes inscritos concluíram o curso, e puderam compartilhar suas vivências e opiniões durante as oficinas. Os resultados demonstraram um nível significativo de engajamento e envolvimento emocional dos participantes. O compartilhamento de experiências pessoais enriqueceu o projeto, proporcionando uma compreensão mais profunda das questões raciais e de bem-estar mental. Além disso, o projeto aumentou a conscientização sobre o racismo e seus impactos na saúde mental dos estudantes. Por outro lado, os resultados quantitativos refletiram desafios, como a baixa adesão inicial e a taxa de conclusão do curso. Porém, a participação ativa dos alunos concluintes demonstra a importância do projeto, evidenciando a relevância de abordar questões raciais e de saúde mental no ambiente escolar. Para os projetos futuros, pretende-se replicar essa experiência, incorporando estratégias para ampliar a participação dos estudantes e maximizar o impacto nas comunidades escolares sobre temáticas fundamentais para uma sociedade contemporânea mais justa, igualitária e inclusiva.

**Palavras-chave:** educação antirracista, saúde mental, prática extensionista

### **INTRODUÇÃO**

A educação desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Por meio do processo educativo, estudantes adquirem conhecimentos, desenvolvem habilidades e constroem valores essenciais para sua formação integral. No entanto, é necessário reconhecer que o ambiente escolar não está

---

<sup>1</sup> Professor EBTT do Instituto Federal de Alagoas – IFAL [ricardo.ribeiro@fal.edu.br](mailto:ricardo.ribeiro@fal.edu.br);

<sup>2</sup> Professor EBTT do Instituto Federal de Alagoas – IFAL [dartagnan.macedo@ifal.edu.br](mailto:dartagnan.macedo@ifal.edu.br);

<sup>3</sup> Professor EBTT do Instituto Federal de Alagoas – IFAL [diego.daguia@ifal.edu.br](mailto:diego.daguia@ifal.edu.br);

imune a desafios, sendo o racismo uma questão estrutural e persistente nesse contexto. Como afirmam De Araújo et al. (2021), “a violência que atinge a população negra muitas vezes começa na escola, quando essa expressa, em seus espaços, o racismo presente na realidade de nosso país”. Essa violência impacta profundamente o desenvolvimento dos jovens, gerando baixa autoestima, dificuldades de rendimento, sensação de não-pertencimento e, em casos extremos, evasão escolar.

Para De Araujo (2022), ao analisar as condições que motivaram e ainda motivam maior mortalidade na população negra, foi possível perceber o racismo como um dos principais fatores.

O jurista Adílson Moreira (2019) define racismo como sendo um tipo de dominação social que procura manter o poder nas mãos do grupo racial dominante. E De Araujo (2022), acrescenta que racismo é uma relação de poder, é uma articulação ideológica que se realiza através de um conjunto de práticas, é uma ideologia de dominação social cujos mecanismos de atuação variam ao longo do tempo e em cada sociedade.

Ainda sobre o assunto Da conceição e De Andrade Santos (2023) afirmam que a estruturação racista está incrustada tanto nas instituições privadas como públicas, perpassando a apreensão estética e estruturando o universo das relações sociais. E completam defendendo que a instituição escolar sendo parte dessa sociedade estruturalmente racista, não está isenta de reproduzir racismos e opressões.

Para esses autores a escola frequentemente atua como um instrumento de manutenção do racismo ao silenciar a diversidade presente entre os estudantes. Isso ocorre porque os conteúdos e práticas pedagógicas são elaborados para um perfil específico de aluno, desconsiderando a pluralidade dos discentes, que ingressam na instituição como sujeitos histórico-sociais, trazendo consigo sua cultura, valores, costumes, crenças e tradições, os quais não podem ser deixados do lado de fora da escola.

Nesse cenário, a educação antirracista surge como uma estratégia indispensável para combater o racismo no ambiente escolar e promover práticas pedagógicas mais inclusivas. Trata-se de uma abordagem que busca não apenas desconstruir estereótipos e preconceitos, mas também valorizar a identidade e a história de todos os estudantes. Como destaca Da Silva (2020), não basta assegurar a legalidade e a existência de políticas antirracistas no papel; é essencial que essas medidas sejam implementadas efetivamente

tanto na educação básica quanto no ensino superior. Assim, a escola se torna um espaço de acolhimento, onde, segundo De Araújo et al. (2021), “todos tenham sua identidade e história respeitadas e acolhidas”.

Com essa perspectiva, nasceu o projeto de extensão "Oficinas de Saúde Mental e Educação Antirracista: Relato de Experiência Extensionista", desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFAL – Campus Rio Largo. A proposta foi aprovada pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) do IFAL e contou com a parceria da Secretaria de Educação de Rio Largo. A Escola Municipal Santos Dumont, localizada no município de Rio Largo, foi escolhida como espaço de aplicação das oficinas. O projeto contou ainda com o apoio do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) do IFAL – Campus Rio Largo, cuja psicopedagoga colaborou nas oficinas voltadas para a temática da saúde mental.

As oficinas foram realizadas semanalmente ao longo de um semestre, abordando temas como Racismo, Racismo Estrutural, Racismo Recreativo, Racismo e Saúde Mental, além de Casos e Relatos. Cada encontro teve duração de duas horas e buscou criar um ambiente seguro e acolhedor para que os estudantes expressassem suas experiências e desenvolvessem habilidades para enfrentar situações de discriminação e preconceito.

Além dos bolsistas, o projeto envolveu a participação voluntária de outros estudantes do IFAL – Campus Rio Largo que demonstraram interesse na temática. Essa integração entre diferentes atores da comunidade escolar foi essencial para fortalecer o senso de pertencimento e engajamento coletivo, promovendo uma reflexão crítica sobre a relação entre racismo e saúde mental.

Ao unir saúde mental e educação antirracista, o projeto não apenas ofereceu ferramentas para que estudantes e educadores enfrentassem o racismo, mas também fortaleceu a construção de uma escola mais justa e inclusiva.

## **METODOLOGIA**

A metodologia do projeto foi baseada em abordagens participativas e no uso de metodologias ativas, com o objetivo de promover a conscientização e estimular o protagonismo dos estudantes durante as atividades. O projeto foi estruturado em encontros semanais com duração de duas horas e 30 minutos, realizados ao longo de um semestre, na Escola Municipal Santos Dumont, em Rio Largo. Cada oficina abordava um

tema específico relacionado ao racismo e à saúde mental, como: Racismo, Racismo Estrutural, Racismo Recreativo, Racismo e Saúde Mental, e Casos e Relatos.

O projeto contou com a colaboração de dois bolsistas, estudantes do curso técnico de Informática e integrantes do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI). Esses bolsistas, sob a supervisão do professor orientador, foram responsáveis por planejar e conduzir as oficinas, além de organizar as apresentações e atividades práticas. O uso de metodologias ativas, como sala de aula invertida e aprendizagem baseada em projetos (ABP), foi central para a execução das oficinas, promovendo maior engajamento e autonomia dos participantes.

Na sala de aula invertida, os estudantes tinham acesso prévio a materiais complementares disponibilizados em uma plataforma do Google Classroom, permitindo que se preparassem para as discussões e atividades desenvolvidas durante os encontros presenciais. Além disso, a aprendizagem baseada em projetos foi utilizada para que os estudantes pudessem desenvolver, em pequenos grupos, projetos que relacionassem os conteúdos das oficinas com suas experiências pessoais e o contexto escolar.

O projeto foi desenvolvido em parceria com o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) do IFAL – Campus Rio Largo. A psicopedagoga do NAPNE participou de oficinas voltadas para saúde mental, auxiliando no planejamento e na condução das discussões relacionadas aos impactos do racismo na saúde emocional dos estudantes. Também foi incentivada a participação de outros estudantes do IFAL que demonstraram interesse em colaborar com as atividades, fortalecendo o vínculo entre a comunidade acadêmica e a escola municipal.

Além das oficinas presenciais, o Google Classroom foi utilizado como uma plataforma de apoio, onde os bolsistas disponibilizavam materiais de leitura, vídeos e atividades complementares. Essa estratégia possibilitou que os participantes aprofundassem os temas discutidos e tivessem acesso contínuo ao conteúdo, mesmo fora dos encontros. A plataforma também foi utilizada para monitorar a participação e registrar a evolução das atividades realizadas ao longo do projeto.

Com essa estrutura metodológica, o projeto buscou não apenas transmitir conhecimentos, mas promover reflexões críticas e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais nos estudantes. A combinação entre metodologias ativas, colaboração e suporte pedagógico permitiu que as oficinas se tornassem um espaço acolhedor, onde os

participantes puderam expressar suas experiências, fortalecer sua identidade e desenvolver competências para enfrentar desafios relacionados ao racismo e à saúde mental.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados do projeto demonstraram uma melhora na conscientização dos participantes, mas também revelaram alguns desafios relacionados à adesão e à retenção ao longo do curso. A participação ativa dos 11 alunos que concluíram todas as oficinas foi um dos aspectos mais enriquecedores, pois esses estudantes compartilharam suas experiências pessoais e perspectivas sobre o racismo e a saúde mental. O envolvimento dos participantes não apenas fortaleceu a conexão com os conteúdos abordados, mas também gerou reflexões sobre a importância da educação antirracista no contexto escolar.

Além da troca de vivências, o projeto atingiu seu objetivo de sensibilizar os participantes sobre o impacto do racismo na saúde mental. A metodologia participativa e o uso de metodologias ativas, como a sala de aula invertida e a aprendizagem baseada em projetos, contribuíram para que os estudantes se envolvessem de maneira crítica e colaborativa. No entanto, alguns desafios foram identificados ao longo do processo. O primeiro deles foi a dificuldade de atrair um número maior de participantes, especialmente da Escola Santos Dumont, onde as oficinas foram realizadas. Ao todo, 20 estudantes se inscreveram no projeto, sendo 12 externos e o restante alunos do IFAL – Campus Rio Largo. Apesar do esforço em promover o curso, apenas 11 participantes conseguiram concluir todas as atividades, representando uma taxa de conclusão de 55%.

Embora a taxa de retenção tenha sido modesta, o comprometimento e a qualidade da participação dos alunos que finalizaram o curso demonstram a importância de abordar os temas supracitados. As discussões realizadas permitiram que os estudantes refletissem sobre situações vivenciadas e desenvolvessem maior conscientização sobre essas questões fundamentais. O envolvimento dos bolsistas e a parceria com o NAPNE também foram decisivos para o sucesso das oficinas, especialmente no que diz respeito ao apoio pedagógico e emocional oferecido.

As oficinas tiveram início com o tema "Racismo – Contextualização Histórica e de Olho no Brasil", conduzida por meio de uma roda de conversa onde os participantes puderam esclarecer dúvidas e compartilhar situações do cotidiano. Em seguida, a segunda

e terceira oficinas abordaram “Racismo Estrutural e Institucional, com uma palestra seguida de nova roda de conversa, na qual muitos alunos relataram experiências pessoais relacionadas a essas formas de racismo. A quarta oficina trouxe a discussão sobre Racismo Recreativo, culminando em uma atividade prática de criação de cartazes, que foram posteriormente expostos no campus. Por fim, a última oficina tratou da relação entre Racismo e Saúde Mental, com uma palestra conduzida por profissionais do NAPNE – Campus Rio Largo, destacando os impactos emocionais do racismo e a importância do cuidado com a saúde mental.

Ao término do Projeto a avaliação geral foi extremamente positiva, com 100% dos participantes indicando estar “muito satisfeitos” com a experiência. Esse feedback confirma que, apesar dos desafios encontrados, a iniciativa alcançou um impacto significativo na formação dos estudantes, promovendo um espaço de aprendizado significativo e acolhedor.



Figura 1: Oficina de Cartazes - Racismo Estrutural

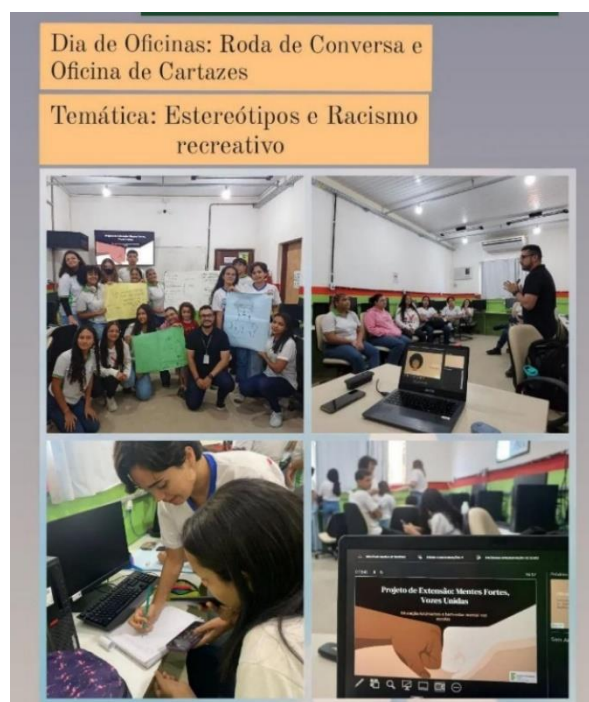


Figura 2: Roda de Conversa sobre a temática: Estereótipos e Racismo Recreativo



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados do projeto evidenciaram um nível significativo de engajamento e envolvimento emocional por parte dos participantes. O compartilhamento de experiências pessoais durante as oficinas foi um dos pontos mais enriquecedores, proporcionando uma compreensão mais profunda das questões raciais e dos desafios relacionados ao bem-estar mental. As discussões promoveram uma sensibilização crescente sobre o impacto do racismo na saúde emocional dos estudantes, fortalecendo a relevância da educação antirracista no ambiente escolar.

Apesar dos avanços qualitativos observados, os resultados quantitativos revelaram desafios a serem considerados. A baixa adesão inicial e a taxa de conclusão relativamente modesta indicam a necessidade de aperfeiçoar estratégias para engajar mais estudantes desde o início e garantir maior retenção ao longo do processo. No entanto, a participação ativa e comprometida dos alunos que concluíram o projeto reforça a importância de abordar questões raciais e de saúde mental na escola, evidenciando o impacto positivo dessas oficinas na formação cidadã e emocional dos envolvidos.

A avaliação do desempenho do projeto revelou uma satisfação plena por parte dos participantes, com 100% de respostas indicando “muito satisfeito”. Esse resultado confirma que a metodologia adotada e os temas abordados foram bem-sucedidos em promover um ambiente acolhedor e reflexivo.

Para futuros projetos, pretende-se replicar essa experiência, incorporando novas estratégias para ampliar a participação e maximizar o impacto nas comunidades escolares. A continuidade desse tipo de iniciativa é fundamental para fomentar uma educação mais inclusiva, capaz de enfrentar questões estruturais como o racismo e promover o bem-estar mental. Dessa forma, contribuímos para a construção de uma sociedade contemporânea mais justa, igualitária e respeitosa com a diversidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à PROEX – IFAL pelo apoio e parceria, à Secretaria de Educação de Rio Largo pelo suporte, bem como à direção da Escola Santos Dumont e à gestão do IFAL – Campus Rio Largo, com especial gratidão ao NEABI e ao NAPNE pela colaboração fundamental.

## REFERÊNCIAS

1. DA SILVA, Cristiane Sousa. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERTÃO CENTRAL CEARENSE: CONSTRUINDO PONTES ENTRE A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E QUILOMBOLAS. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. 32, p. 231-251, 2020;
2. DE ARAUJO, Giselle Maria Santos et al. Educação antirracista em meio à pandemia: um projeto de extensão do Campus Alvorada. **Revista Viver IFRS**, v. 2, n. 10, p. 64-69, 2022.
3. DE ARAUJO, Giselle Maria Santos et al. Tópicos em Educação Antirracista: um projeto de Extensão na rede de ensino federal brasileira. **Extensão Tecnológica: Revista de Extensão do Instituto Federal Catarinense**, v. 8, n. 15, p. 51-76, 2021;
4. DE ARAUJO, Giselle Maria Santos et al. TÓPICOS EM EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: RELATÓRIO DE UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 3, p. 113-122, 2021.
5. MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo. Rio de Janeiro: Pólen Livros, 2019